Retrato de uma senhora

Começou por escrever para adultos, mas tudo mudou com *O Livro da Tila*, ilustrado por Maria Keil. ¬ Quando enviou o manuscrito para um concurso literário, disseram-lhe que «o livro tinha interesse, mas a poesia não era para as crianças». ¬ Felizmente, não acreditou. Cinco décadas depois, com 86 anos e mais de trinta títulos publicados, Matilde Rosa Araújo continua atenta à música que faz o acaso da escrita: «Uma ilha povoada de vozes, as minhas e as dos outros.»

TEXTO **Carla Maia de Almeida**
FOTOGRAFIA **Reinaldo Rodrigues**

Sempre que visita uma escola, Matilde Rosa Araújo quase se esquece de que tem 86 anos. É como se a vida se multiplicasse com o que vê e ouve. Plateias de miúdos, diante de um escritor convidado, são imprevisíveis na sua curiosidade primitiva. Originais, perspicazes, observadores... Lançam perguntas que fazem certas conferências de imprensa parecer reuniões de meninos do coro, cheias de jornalistas ensinados pela cartilha. Estamos na sala de estar de uma casa de Lisboa, um segundo andar da Rua Rodrigues Sampaio, a lembrar o dia em que um aluno de uma dessas escolas lhe perguntou onde tinha nascido. «Na Estrada de Benfica», respondeu. Mais tarde, acabada a sessão, o miúdo puxou-lhe por um braço e, num aparte envergonhado em que se notava uma ponta de indignação, insistiu: «A senhora desculpe, eu ainda tenho de lhe perguntar uma coisa. Então, mas... a sua mãe teve coragem de a deixar nascer na estrada?!»

Sentada no sofá da pequena sala, Matilde ri-se outra vez com esta história, um riso terno de quem sabe que «a criança é, na sua essência, revolucionária», como escreveu há quase vinte anos num ensaio sobre literatura infanto-juvenil, *A Estrada Fascinante* (1988). Quanto à outra estrada, perto do Jardim Zoológico, hoje cercada de prédios tristes e consumida por fumos de automóveis, também já teve o seu quê de fascínio. Às portas de Lisboa, houve um tempo em que Benfica era paisagem: uma extensão de campos, hortas e quintas, por onde passavam rebanhos de ovelhas e juntas de bois.

Numa dessas quintas, pertença dos avós maternos, nasceu Matilde Rosa Lopes Araújo, a 20 de Junho de 1921. O pai, comerciante de ourivesaria, veio do Norte, da freguesia de Barbeita, concelho de Monção. A mãe era lisboeta, com ascendentes na Galiza. Do casamento nasceram três raparigas; ela, a do meio. Mais tarde mudaram-se «para a cidade», a casa perto do Parque Eduardo VII onde vive agora com a irmã mais velha, Maria Luísa, rodeada de livros, fotografias e objectos de família. O retrato a óleo de uma dama antiga destaca-se neste espaço de intimidade onde nos recebe – sem artifícios, sem pose, sem um vestígio de impaciência.

A escola, uma revelação

«Julgo que nunca tive a infância muito presente, mesmo quando era criança», começa por dizer. «Talvez fosse séria de mais, demasiado adulta.» Tão-pouco se sentiu especial, apesar de ter aprendido a ler aos cinco anos. A quinta onde cresceu, acompanhada de árvores, flores e animais, já só existe num lugar privilegiado da memória. E também numa obra que consagra a natureza como fonte de linguagem. «Tinha uma sensibilidade à flor da pele», conta, «chegava a pedir licença quando passava pelo meio dos canteiros floridos. Fui sempre muito distraída e muito atenta.»

Como um prolongamento desse jardim protegido, o pai determinou que a educação das filhas começasse em casa, por uma professora escolhida a dedo, «irmã da Maria Lamas, mulher admirável». Em complemento, manteve durante bastante tempo os estudos de piano. Explica-se, assim, o amor pela música, quase tão grande como o da literatura. Quem repara nos dedos elegantes fica indeciso sobre qual das duas artes lhe assentaria melhor. Mas as dúvidas desfazem-se: «Nunca senti uma verdadeira vocação para o piano e tive de optar. Não quis deixar as letras.»

À mudança para Lisboa seguiu-se a entrada na Universidade Clássica, o curso de Filologia Românica que lhe abriu as portas ao ensino do Português e Francês. «Só quando entrei para a faculdade é que me descobri verdadeiramente feliz. Fui uma contemplada. Tive mestres e colegas espantosos que me ensinaram muito, muito, sinto que nunca lhes agradeci o suficiente.» Como professores, Jacinto do Prado Coelho, de quem recorda «o afecto, a compreensão, o acolhimento». E também Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio, Vitorino Magalhães Godinho... Colegas e amigos, entre muitos outros («até tenho medo de me esquecer»), foram Sebastião da Gama, Helena Cidade Moura, Irene Lisboa, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Judite de Carvalho, Maria de Lurdes Belchior, Rui Grácio, Joel Serrão, David Mourão-Ferreira, Lindley Cintra...

Curiosamente, licenciou-se com uma tese algo invulgar para a época: «A reportagem como género: génese do jornalismo através da constante histórico-literária.» Não havia muitos livros em casa, mas os jornais faziam parte do quotidiano familiar. O *Diário de Notícias* era (e ainda é) obrigatório, bem como os já extintos *O Século*, *República*, *Diário de Lisboa*, *A Capital*... Diz que sente falta dos vespertinos e lamenta que os jornais de hoje «não se interessem mais pelas coisas boas que acontecem». Ainda assim, não passa sem «o cheiro das folhas impressas», todos os dias.

Nas décadas seguintes à licenciatura, concluída em 1945, colaborou regularmente com quase todos os jornais e revistas que fizeram escola e pensamento. Mas ser jornalista a tempo inteiro foi algo que pôs de lado em 1946, no dia em que

se estreou no lugar de professora. Lembra-se perfeitamente: era uma escola muito velha na Calçada do Combro, um dos estabelecimentos do Ensino Técnico-Profissional para onde não iam os filhos das elites lisboetas. Neste caso, as filhas, porque o tempo das classes mistas ainda era pouco menos do que uma utopia. Vinte pares de olhos de raparigas que nada conheciam do mundo fixaram-se nela, expectantes. «Quando entrei na sala de aula, foi como se tivesse aberto um livro.» Páginas em branco, à espera de atenção, afecto e sabedoria. Tudo o que ela quis dar.

«Meu ferrinho de engomar/ Feito de ferro e brasas/ Contigo engomava sonhos/ De lençóis que eram asas.» (in *Segredos e Brinquedos*)

Uma professora inesquecível

Porque também há mais quem se lembre. A gratidão é um valor contagiante. Se Matilde Rosa Araújo afirma ser «uma contemplada» – pelas gerações de mestres e colegas que a ajudaram a crescer –, outras pessoas subscrevem o que diz. Maria Alda Begonha, antiga aluna da Escola Comercial Ferreira Borges, começou por contar às filhas (e agora aos netos) como eram diferentes as aulas da professora que lhe transmitiu «o gosto pela leitura», entre os anos de 1949 e 1951. Sob uma disciplina de nome pomposo, Língua e História Pátria, Matilde lia e dava a ler poesia e histórias da mitologia grega, e encenava representações de *O Capuchinho Vermelho*, estimulando o interesse pela literatura infanto-juvenil. Além disso, «mostrava-nos postais e fotografias das viagens que fazia. Nunca me esqueci da descrição em que nos contou como passou o canal de Suez.»

Outra ex-aluna, hoje uma grande amiga, é Vanda Pinto de Almeida. Decidiu retomar os estudos depois do 25 de Abril de 1974 e foi na Escola do Magistério Primário de Lisboa que teve contacto com uma novidade nos programas curriculares, a cadeira de Português e Literatura Infantil, até aí uma matéria pouco considerada. «Matilde foi uma das primeiras professoras, se não a primeira, a ensinar e a conceber os conteúdos dessa nova e importante disciplina. E nós, alunos e futuros professores, aprendíamos a escolher textos em que os valores da criatividade, da solidariedade e da compreensão do outro estivessem presentes.»

O respeito pela identidade própria de um ser singular é uma constante na obra de Matilde Rosa Araújo, visível em livros como *História de Um Rapaz* (1963) ou *O Passarinho de Maio* (1990). Fátima Ventura, professora de Educação Visual e pintora, conheceu a escritora no exame de admissão à Escola Industrial e Comercial de Elvas. «Eu ia metida numa saia de roda engomada que me picava as pernas, devia ter um ar bastante infeliz», recorda. Ao abrir o livro para escolher o texto de leitura, sai-lhe um poema sobre a Primavera. «A Professora Matilde, com uma voz suave e melodiosa, perguntou-me: "Gostas muito da Primavera, não gostas, minha filha?"» E ela, habitualmente tímida, deu por si a contestar: «Não, gosto mais do Outono!» A madrinha, que tinha ido assistir ao exame, quase se benzeu com o atrevimento da afilhada. «E por que gostas tu do Outono?», insistiu a professora. «Gosto dos dias cinzentos, da chuva miudinha, do chão cheio de folhas secas, de andar sobre elas e de ouvir o barulhinho.» Com o seu ar sempre doce, a professora exclamou: «Mas tu és uma poetisa!»

Fátima Ventura não se lembra de ter lido o texto sobre a Primavera, nesse dia. Mas reteve o essencial: «Mais tarde, escolhi também ser professora. E aos muitos alunos que passaram pelas minhas mãos procurei dar a liberdade e a aceitação da diferença que, naquele dia, me foram dadas.»

A pedagogia dos afectos

No ano em que Matilde Rosa Araújo escolheu a carreira docente, Portugal, saído da guerra onde não chegou a entrar, tinha passado de falso paraíso a um poço negro de misérias expostas. Viam-se crianças em fila para uma refeição na Mitra de Lisboa, crianças a disputar o lixo com os cães, crianças a dormir nas soleiras das portas. Essas «infâncias trucidadas» que, mais tarde, ela trouxe para os livros; por exemplo, nas histórias de *Zé Manel* e *Joaquim*, do livro de contos *O Sol e o*

Menino dos Pés Frios (1972) ou *As Botas de Meu Pai* (1981). Em sessenta anos de carreira académica e literária, pôs sempre na linha da frente a defesa dos direitos da criança, o que a levou a fazer parte da fundação do Comité Português da UNICEF e a apoiar outras instituições congéneres.

Apesar de nunca ter dado aulas aos mais pequenos, afirma ter aprendido com «todas as marés da infância» que se cruzaram no seu caminho. Como professora do Ensino Técnico, andou por muitos sítios, até regressar a Lisboa: Portalegre, Elvas, Leiria, Caldas da Rainha, Barreiro, Almada, Porto... Mas quando se lhe pergunta onde estão, afinal, as suas raízes, responde que não sabe. E acrescenta: «Acho que sou uma erva do monte.» Ao longo da conversa com a **nm**, este «não sei» apareceu mais vezes, sem soar a negação inconsequente. Significa, talvez, a liberdade de não escolher uma resposta de sentido único, excluindo todas as outras. Se não houve um casamento, nem filhos, «foi porque não tinha de ser». Se não surgiu um Deus em que se pudesse acreditar, terá sido por uma razão semelhante: «Não apareceu.» Pausa longa. «Não quer dizer que não o tenha procurado.»

O cão *Rolito*, na casota de madeira feita pelo senhor Joaquim, e a *Januária*, boneca vinda de Paris.

Tem, sem dúvida, valores espirituais e um «sentido do transcendente» que atravessa toda a sua obra; obra essa que, segundo o escritor António Torrado, está marcada por «uma fidelidade aos grandes afectos, à poesia como experiência vital, à religiosidade dos sentimentos». Outros seguidores e estudiosos da sua produção literária para crianças e jovens, iniciada com *O Livro da Tila* (1957), são unânimes em reconhecer-lhe um papel pioneiro na criação de laços afectivos com a leitura e na abertura aos múltiplos sentidos da palavra. Para Natércia Rocha, «a sua acção como pedagoga acompanha a sua acção como poeta», enquanto José António Gomes a coloca entre os autores que «contribuíram de forma decisiva para a renovação da poesia para a infância no período 1950-1980».

Um aniversário inédito

Nas últimas décadas, foram muitas, porventura incontáveis, as homenagens prestadas a Matilde Rosa Araújo. Em 1980, coube-lhe o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças, atribuído pela primeira vez nesse ano, *ex æquo* com Ricardo Alberty. Em 1994, representou a candidatura portuguesa ao prestigiado Prémio Hans Christian Andersen. Em 2004, recebeu das mãos do escritor e amigo Urbano Tavares Rodrigues o Prémio Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores. Agora, na celebração de mais um aniversário, aos 86 anos, viu o seu nome «emprestado» a uma sala do Centro de Estudos e Recursos de Literatura & Literacia Eça de Queiroz, organizador do encontro entre a escritora e os seus leitores, grandes e pequenos.

Até 29 de Junho, no espaço cedido pela Escola Secundária Marquês de Pombal, em Lisboa, os visitantes vão poder conhecer *Os Universos de Matilde*, uma mostra de objectos pessoais da escritora – e não só – que sugerem pistas para a leitura da sua vida e obra. Lá estão a boneca *Januária* que o tio lhe trouxe de Paris, o ferrinho de engomar com que brincava com a irmã, o cão *Rolito* que os colegas do Barreiro lhe ofereceram à despedida da escola – muitos aparecem no livro *Segredos e Brinquedos* (2000), ilustrados por Maria Keil. Objectos importantes, preciosos, insubstituíveis, mas nem por isso motivo de um culto nostálgico ou exagerado. Os grandes valores de Matilde Rosa Araújo são de ordem imaterial, isso é fácil de perceber. De resto, não costuma celebrar o dia em que faz anos. Porquê? «Não sei.» Depois da festa, o regresso à casa da Rodrigues Sampaio e a um quotidiano tranquilo. «Continuo a escrever. Ajuda-me a viver.»«